



O CEUR caminha das casas.

Um *Cancioneiro Escolar Urxente* (CEUR) para o Concelho de Rianxo

José Luís do Pico Orjais
dporejais@gmail.com

REVISTA GALEGA
DE EDUCACIÓN
PUBLICACIÓN DE NOVA ESCOLA GALEGA

ISSN: 1132-8932
Páx. 70 - 72

Poucos meses antes de o neologismo Covid-19 se tornar familiar nas nossas vidas, o técnico do serviço de normalização linguística da Câmara Municipal de Rianxo, David Cobas, pediu-me para o visitar no seu gabinete. Há muito que colaboramos em diferentes projetos em que a defesa da língua, a música e a educação de adultos e menores estiveram sempre presentes. Portanto, o convite não me causou nenhuma surpresa. A proposta dele era mais ou menos a seguinte: reunir num cancioneiro todas as canções do Rianxo que fui recolhendo e utilizando durante anos nas minhas aulas de música.

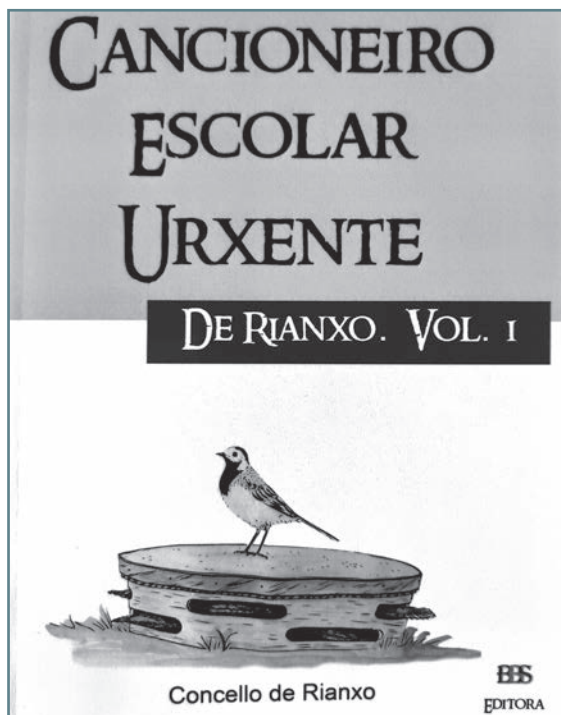
A princípio, o pedido pareceu facilmente aceitável, pois eu tinha um importante estoque de melodias transcritas e testadas em sala de aula com meu alunado. Entendi imediatamente o desafio de expor anos de trabalho em apenas algumas páginas, nas quais muitas pessoas estiveram envolvidas e inúmeras fontes foram utilizadas.

Como simples exercício preparatório, escrevi algumas breves reflexões num caderno, ideias elementares que me acompanharam desde os primórdios no meu percurso profissional como ensinante-aprendiz de música.

1º A música patrimonial galega deve ser a base fundamental do repertório utilizado na sala de aulas no ensino obrigatório. Quanto mais próximo o repertório estiver de origem das crianças, maior será o seu valor educacional. Uma canção recolhida e cantada pelo alunado de Rianxo, insere-se numa forma natural, autorreferencial e culta de se expressarem.

2º A cultura musical de uma localidade deve ser observada em paridade com a língua, com as tradições, com a paisagem, com a arquitectura popular e as construções singulares etc. Estando muitas das nossas escolas em zonas rurais, fazemos, porén, um grande esforço por ensinar ao nosso alunado as partes das plantas em ilustrações de livros de texto, quando fora das paredes e a poucos metros, a natureza nos oferece magníficos exemplos. O mesmo acontece com o folclore padronizado que as editoras reproduzem. As suas partituras podem fazer com que não vejamos a extraordinária paisagem musical que nos é apresentada através dos vidros das janelas.

3º A música patrimonial favorece a comunicação intergeracional. A globalização cultural tem como um dos seus piores efeitos —talvez o mais procurado pelos globalizadores— a desconexão entre as gerações analógicas e as digi-



tais. Mas estas últimas não são educadas no uso das mídias para seu crescimento pessoal, mas sim para serem úteis à indústria que os contratará e da qual, paradoxalmente, serão consumidores fiéis. Qualquer caminho que abrimos para comunicar culturalmente avós e avôs com seus netos e netas é um ato de resistência contra o pensamento único globalizante, e só por isso, já estaria bem.

Então, como abordamos o repertório local para seleccionar um *corpus* que possamos usar em sala de aula? Estamos a falar do problema das fontes, que devem ser confiáveis e adequadas ao que o currículo escolar exige de nós.

AS FONTES HISTORIOGRÁFICAS INDIRECTAS

Um primeiro contacto com o folclore musical de uma localidade envolve um estudo o mais detalhado possível das fontes historiográficas. Gostaria de esclarecer que em pesquisas de natureza etnográfica considero como indirecta qualquer fonte em que não haja contacto directo entre o observador e o observado. Assim, um arquivo de som gravado por outra pessoa que não é aquela que faz o estudo, a meu ver, já o torna uma fonte indirecta. O folclore musical é essencialmente performativo, pelo que a presença *in situ* é necessária para uma compreensão substancial do contexto. Obviamente, isso categoriza as diferentes fontes, pois algumas serão menos indirectas que outras, mas isso, que depende de múltiplos fatores, não é possível de abordar neste artigo.

Prosas de Reis

©Fondo Local de Música do Concello de Rianxo

As Prosas dos Reis rianxeiros.

Entre as fontes indirectas que usamos estarían os cancioneros xerais como os de Casto Sampedro, Bal y Gay e Torner ou Dorothe Schubart; cancioneros locais como os de Arcos Moldes e Manuel Vicente Chapí; cancioneros dixitais como o Apoi do Museo do Pobo Galego ou o Fondo de Música Tradicional do CSIC; repositorios como o da Biblioteca Nacional de España (Biblioteca Digital Hispánica) ou a Galiciana; arquivos sonoros quer en gravacións comerciais, quer en domésticas etc.

Mas, por razóns óbvias, a principal fonte do noso repertorio documental provén do Fondo Local de Música do Concello de Rianxo. Influenciado pola mesma filosofía de intervención cultural que envolve o CEUR, o Fondo Local foi creado en 2014 con o acervo musical de José Pérez (1901-1942) e José Nino Piñeiro (1895-1936). É unha boa mostra da música que se facía en Rianxo a fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX e ele nos dotou de un repertorio inestimábel de música popular.

Por último, un documento de grande interese acabou sendo a revista escolar do noso centro. Anuarios deses tipo son, moitas veces, os periódicos máis longevos da cidade, no noso caso con cerca de cuarenta anos de impresión ininterrupta. Encontramos traballos escolares que forneceran datos relevantes, como quadras populares, tradicións, ladainhas, brincadeiras etc.

AS FONTES HISTORIOGRÁFICAS DIRETAS

A observación da heranza musical de Rianxo ao longo do tempo permite-nos un estudo de caso que pode revelar conclusións absolutamente sorprendentes. Partimos de un problema inicial facilmente observábel: o de como a música urbana desloca a da tradición oral de forma tan brutal que un repertorio con poucas décadas de vida é considerado pola vizinhanza actual como cancións de sempre. Pensemos, por exemplo, nas icónicas *Rianxeira* ou o *Pássaro Pinto*.

Neste contexto, o traballo de campo é sempre complexo, daí que as conclusións sejam o resultado da pertinencia de recoller todo o que o informante nos diz (emic) matizado polo que a verdade histórica nos revela (etic).

Os informantes que colaboraron no noso proxecto proviaron do alumnado da Aula de Cultura Musical da Uned-Sénior de Rianxo e da comunidade educativa do CEP X. M^a. Brea Segade de Taragonha. Na miña calidade de profesor en ambos os centros, tive o privilexio de conectar por medio das minhas aulas ás xeracións da vizinhanza de maior idade con a dos máis cativos. Mágico.

FINALMENTE

Escrevía anos atrás (Orjais, 2011), que “o traballo con un cancionero é sempre un labor de comparación e limpeza, já que cada lectura se converte numa actualización do registo”. Permite-nos reflexionar sobre como somos musicalmente falando, e, até certo modo, como queremos que nos vejam. Hoje, grazas ao CEUR, actualizamos o relato que conta a nosa historia musical.

Talvez tenhamos conseguido banir algun falso mito; talvez tenhamos exumado algunha velha canción hoje, felizmente, de novo popular; talvez agora nos coñecemos un pouco mellor. Se assim for, valeu! ■

REFERENCIAS

- PICO ORJAIS, JOSÉ LUIS. (Coord.) (2011). *Ayes de mi país*. Dos Acores.
 - PICO ORJAIS, JOSÉ LUIS. (Coord.) (2021). *Cancioneiro Escolar Urxente*. (Vol. I). Concello de Rianxo. Em liña: https://www.edu.xunta.gal/centros/cepbreasegade/aulavirtual/pluginfile.php/1572/mod_resource/content/1/Ceur.pdf
 - PICO ORJAIS, JOSÉ LUIS. (Coord.) (2022). *Cancioneiro Escolar Urxente*. (Vol. II). Concello de Rianxo. Em liña: https://www.edu.xunta.gal/centros/cepbreasegade/aulavirtual/pluginfile.php/2535/mod_label/intro/Cancioneiro%20Escolar%20Urxente%20V%20II%20maquetado.pdf
- Recursos en liña:
- *Cancioneiro Escolar Urxente* (Vol. I) <https://www.edu.xunta.gal/centros/cepbreasegade/aulavirtual/course/view.php?id=52>
 - *Cancioneiro Escolar Urxente* (Vol. II) <https://www.edu.xunta.gal/centros/cepbreasegade/aulavirtual/course/view.php?id=64>